



Associação Quilombolas Unidos do Rio Capim – AQURC



Nova cartografia social da Amazônia

Povos do Aproaga
São Domingos do Capim

24

Pará



Associação Quilombolas Unidos do Rio Capim – AQURC

Presidente Manoel Claudiery Coutinho da Luz

Vice presidente João da Conceição Silva

Tesoureiro Antonio da Silva Coutinho

Vice-Tesoureiro Domingos Gomes dos Santos

Secretária Ana Cristina Ferreira da Silva

Vice-Secretário Edinaldo dos Santos Santos

Conselho Fiscal

Estanislau Lobo da Luz

Antonio dos Santos

Narciso Coutinho da Silva

Suplentes

Raimunda Moreira da Silva

Maria Coutinho da Luz

Edilena Santos Silva

Data de fundação 8 de novembro de 2007



Participantes da oficina realizada na escola do povoado Nova Ipixuna, município de São Domingos do Capim, em 15 de novembro de 2007: Maria Verônica Santos de Oliveira, Ana Cristina Ferreira da Silva, Rosa da Silva Santos, Luciele da Silva Santos, Nair dos Santos Silva, Maria Idalina dos Santos, João da Conceição Silva Santos, Lucivaldo dos Santos

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 24 – Povos do Aproaga – São Domingos do Capim

Belém, setembro 2008

ISBN 978-85-7401-453-1

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia: povos do aproaga – São Domingos do Capim / coordenador, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; autores, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Maria Betânia Cardoso Barbosa, Cristiane Martins. – Belém : Casa 8 Design / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008

12 p. : il. ; 14 cm. (Movimentos Sociais identidade Coletiva e Conflitos ; 24)

ISBN 978-85-7401-453-1

1. Comunidade de Quilombola – Belém I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo III. Barbosa, Maria Betânia Cardoso IV. Martins, Cristiane V Série.

CDU 301.185.2(811.5)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida

(NCSA-CESTU/UEA,PPGAS/UFAM)

Equipe de pesquisa

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UNAMAZ-NAEA/UFPA)

Maria Betanha Cardoso Barbosa (UEPA, UFPA-NAEA)

Cristiane Martins (UFPA-NAEA, MPEG)

Fotografia

Cristiane Martins

Maria Betanha Cardoso Barbosa (UEPA, UFPA-NAEA)

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Mapa

Maria Betanha Cardoso Barbosa (UEPA, UFPA-NAEA)

Ulisses Guimarães (UFPA-PPGE0)

Uriel Pinheiro

Edição

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UNAMAZ-NAEA/UFPA)

Maria Betanha Cardoso Barbosa (UEPA, UFPA-NAEA)

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8 www.designcasa8.com.br



Por que queremos o fascículo?

“Primeiro nós queremos reivindicar nossos direitos como cidadãos, que nós não estamos sendo respeitados e com isso ter o nosso reconhecimento da área que nós estamos morando e que moramos há muitos séculos e que hoje queremos retomar essa terra como se fosse propriedade nossa.” **Senhor Manoel Clauderi Coutinho da Luz, Sauá-Mirim**

“Essa reunião ‘tá sendo muito boa para todos nós dessa área, por que nós todos trabalha dentro desse território; nós fomos nascidos e criados dentro dessa área. Nós nunca tomamos área de terra de ninguém. Meus avós morreram e entregaram para nossos pais. Nós não pagamos impostos há mais de 25 anos. Então, o Estado ou governo é área deles? Não somos colonos!. Nós mora aí dentro e o governo ou estado não pode tirar da gente. É do Estado por que nós não paga imposto dessa terra?” **Senhor Domingos Gomes dos Santos, Taperinha**

“Eu gostaria de ter o fascículo porque nós podemos ter um desenvolvimento na nossa área, como nós precisamos de um posto médico; apesar do posto médico nós não somos respeitados; nós somos discriminados. Se às vezes a gente vai fazer um exame tem que pagar particular porque não fazem, né? Só se nós tivermos um posto médico adequado, nós não vamos ser discriminados pelo povo. Então, eu aceito por isso.” **Senhor Antônio da Silva Coutinho, Sauá-Mirim**

O que significa “Povo do Aproaga”?

“Aproaga¹ acho que significa que foi onde tudo se originou e hoje nós estamos reivindicando realmente esse direito que nossos antepassados trabalharam na Aproaga e hoje nós estamos aqui do outro lado do rio, mas também faz parte da Aproaga.” **Senhor Manoel Clauderi Coutinho da Luz, Sauá-Mirim**

1 O termo Aproaga ou Aproagra designa o engenho e, posteriormente à fazenda, situada à margem direita do rio Capim. As relações sociais com os que se declararam proprietários (Pedro Chermont de Miranda e herdeiros) do Aproaga vêm desde a escravidão até o presente. O grupo reivindica a conservação desse patrimônio pois considera que faz parte de sua história. Este foi depredado pelos últimos proprietários, retirando as telhas da casa de residência e de comércio da qual existem vestígios. O abandono total favorece a destruição que o povo do Aproaga critica.

“Significa que nós estamos querendo reivindicar os nossos direitos, nossos direitos de cidadão. Vamos buscar aquilo que nós antes nem pensávamos e hoje graças a Deus estamos querendo chegar. O povo da Aproaga era da escravidão! Hoje tem uma descendência deles e por isso que nós estamos reivindicando os nossos direitos como cidadãos também, aquilo que durante muitos anos vivia escondido, e hoje ta sendo apresentado a identidade das nossas comunidades e das nossas terras, pra que nós possamos ainda trabalhar bastante e colher mais através dos nossos direitos, buscando aquilo que por direito é de cada um. Antigamente as pessoas negras, a gente não pode muito falar isso, eles não tinham direito realmente de nada. Eram sacrificados, apanhavam, eram batidos e aqueles direitos deles eram escondidos. Hoje não, nós estamos querendo gritar pelas nossas vitórias, é por isso que nós estamos aqui.” **Senhor Antonio da Silva Coutinho**, Sauá-Mirim

“São nossos antepassados, as pessoas que nós estamos representando hoje aqui. São as pessoas que viveram como escravo para trabalhar na Aproaga, onde tinha um canal; esse canal onde os negros atravessavam o rio para plantar cana. Aproaga é justamente nesse sentido, nós somos seus descendentes desses escravos que vieram desse casarão que é a Aproaga.” **Senhor Manoel Claudi da Luz**, Sauá-Mirim

“‘Povo da APROAGA’ é do tempo do meu bisavô, naquela época se chamava ‘preto d’ante’. Os brancos eles vinham e mandavam nos pretos que administravam. Os pretos eram escravos dos brancos. Os meus avós contavam que os pretos e as pretas quando vinham pra esse lado do rio tiravam a roupa. Tinha uma pessoa pra fiscalizar. Ninguém podia se apresentar pra mulher nenhuma, quando o camarada se apresentava levava lá pra Aproaga, metia um ‘tor-dor’ que tinha lá, e começava a apanhar uma surra, que começava no começo da enchente e só ia passar no começo da vazante. E quando fazia um crime muito grande, os meus avós contavam que jogavam um alçapão muito grande e lá ia embora, caía no rio.” **Senhor Domingo Gomes dos Santos**, Taperinha



Maria Verônica Santos de Oliveira, Ana Cristina Ferreira da Silva, João Luz dos Santos, Nair dos Santos Silva, Maria Idalina dos Santos, João da Conceição Silva Santos, Lucivaldo dos Santos



João da Conceição Silva Santos, Luciano dos Santos, Manoel Claudiery Coutinho da Luz



*Na primeira mesa: Domingos Gomes dos Santos (Taperinha)
Na segunda mesa: Lucivaldo dos Santos, João da Conceição Silva Santo e no Fundo sentada Nair dos Santos Silva. (Ipixuna)*



*Na primeira mesa: Lucivaldo dos Santos, João da Conceição Silva Santo (Ipixuna)
Na segunda mesa: Domingos Gomes dos Santos (Taperinha)*

“Hoje, agora na época que nós estamos, a lei permitiu pra acabar com o escravo do Brasil, para não existir mais escravos no Brasil. Hoje pode denunciar pra polícia federal. Uma vez eu e meu irmão vamos trabalhar numa fazenda dava 62 km de pé de mata pura, a gente passa por aqueles corpos, aqueles cadáveres, quando chegamos ao barracão tinha uns quinze lá dentro. Eles disseram: ‘O que vocês estão fazendo aqui?’ E nós dissemos: Viemos trabalhar na fazenda. Naquela época a farinha tava muito barata, não tinha trabalho, não tinha comida pra nós comer. Ficamos um mês e não ganhamos um centavo, então era trabalho escravo por que eu não recebi. Isso foi há uns 22 anos atrás.” **Senhor Domingos Gomes dos Santos, Taperinha**

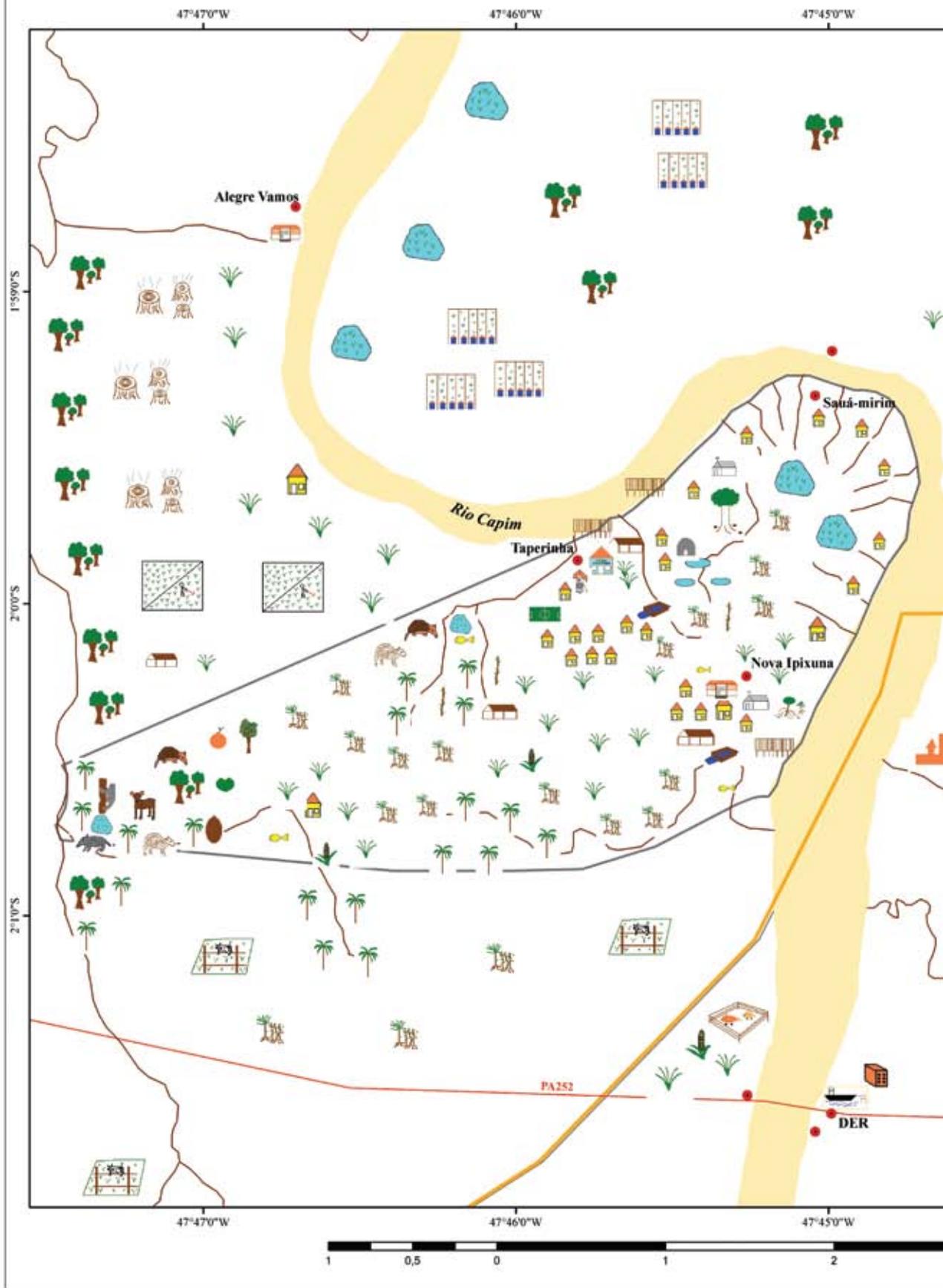
Ipixuna²

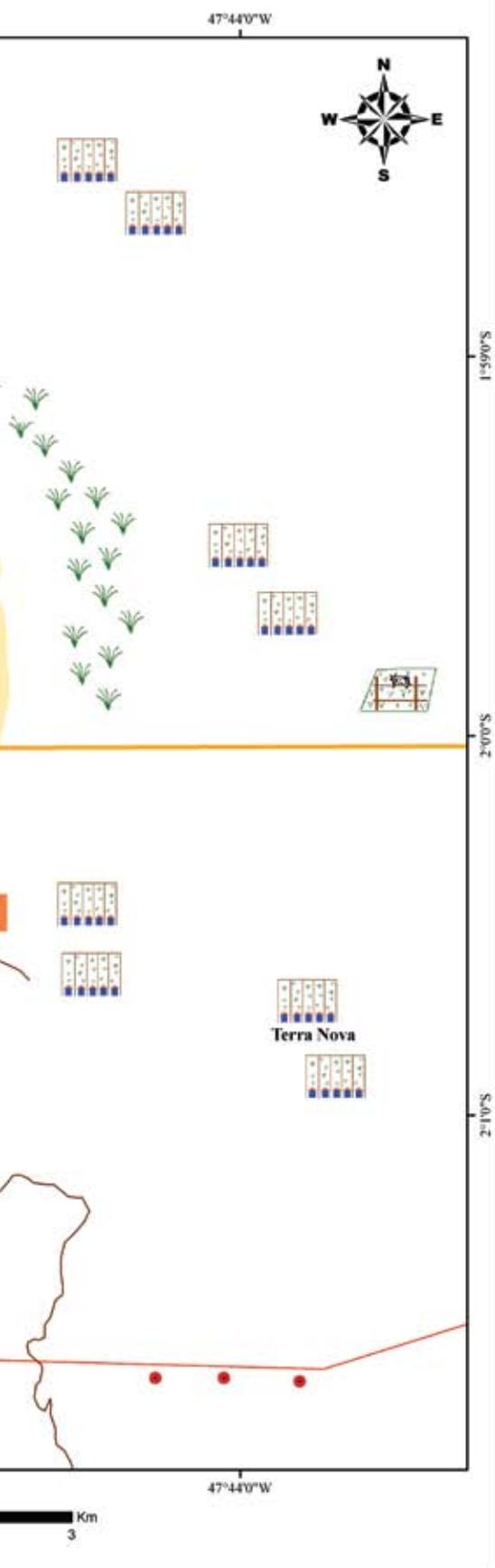
“Olha, nós fizemos um mapa botando aqui, essa parte aqui, o igarapé Ipixuna, parte do rio. Aqui ficou o centro do porto, aqui ficou o Aproaga, agora nós estamos no bairro do Aproaga que fica em frente do nosso porto então fica com o bairro. Aqui, subindo, a primeira casa é do Marinaldo, daqui veio a igreja e aqui o salão. Aqui era o nosso antigo galpão, daqui subiu, casa do Luciano, daqui subiu voltando a minha casa. Aí voltando, aqui é a casa do João Vítor e aqui voltando de novo a casa do João Carlos. E aqui a parte do igarapé que é o igapó. O igarapé Ipixuna que passa bem aqui. É, nós botamos aqui por que achamos que ficou mais importante. Fica em frente ao nosso porto então é uma história, como um prédio histórico pra nós né? Por que é onde foi feito o serviço daquele tempo. Dos antigos. Como os escravos que trabalhavam e não tinham tempo nem pra comer e trabalhavam diariamente, direto.” **Senhor João da Conceição da Silva Santos, Ipixuna**

“Eu vou falar um pouco por que ele tava falando do Aproaga. Nós fizemos por que achamos importante por que era os descendentes dos escravos.” **Senhora Maria Verônica dos Santos Oliveira, Ipixuna**

² O senhor Virgínio dos Santos (92 a.) entrevistado em abril de 2006 comentou que o nome do povoado era Canavial e não admitia a nova denominação de Ipixuna.

Comunidades de Taperinha, Nova Ipixuna e Sauá-Mirim





**Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia**

Março - 2009

Fonte: Base de dados vetoriais SIPAM/IBGE 2004 (escala original 1:250.000)
Elaboração: Betanha Barbosa e Uriel Pinheiro

Sauá-Mirim

“Segundo eles falaram a gente tentou desenhar. Tem aqui, por exemplo, o rio Capim, e tá aqui o Aproaga, aqui tem o porto de Ipixuna que fica do outro lado do rio; aqui fica Ipixuna onde nós estamos, e aqui tem um caminho que pode chegar na comunidade de Sauá-Mirim. Aqui nós temos a igreja, aqui temos a casa do seu Foboca, e aqui é o comércio dele. A casa do seu Dico, seu Angélico, da D. Antonina, do Diego, da D. Marta e do seu Manoelzinho... Aí na margem do rio, o barracão da comunidade, a casa do seu Pinto, da D. Antônia, a casa da D. Dica, a casa do Antonico, da Rosinha, a casa da Antônia Caranguejo. E o último morador daqui, a casa do Domingos. E essa parte aqui bem na beira do rio é cheia de açaí. Tudo aqui é açaí. E aqui também tem três lagos, dentro da terra aqui do Sauá-Mirim. Aqui do lado tem a roça da D. Itálica e um forno de fazer carvão, e essas árvores aqui são castanheiras, e aqui fica a casa de farinha, a aqui sobe o igarapé do Simão, que vai até chegar os lados? Tá bem aqui, igarapé Simão, tá de lápis. E aqui tem o caminho que é feito até chegar na Taperinha, lá no porto de baixo, e esses aqui de azul são os portos que tem, cada casa tem um porto... Os triângulos de marrom são as casas de moradias, esses desenhos aqui são os retiros, as casas de farinha, de rosa aqui com uma cruz é a igreja, esses de azul são os portos, esse quadradinho de laranja é o comércio, essas árvores representam as castanheiras, esse daqui representa o caminho, esses de verde são os lagos, esse aqui representa o Aproaga, uma roça e o açaí, o igarapé e aqui o forno de fazer carvão. Aqui tá a legenda e tudo tá constando aqui.”



Rosivaldo do Socorro Lopes Ferreira, Ivonete dos Santos Silva, Lucélia Alves, Antonio da Silva Coutinho



Rosivaldo do Socorro Lopes Ferreira, Eliane Moréia da Conceição, Lucélia Alves



Rosivaldo do Socorro Lopes Ferreira, Lucélia Alves, Angélico Coutinho da Silva, Manoel Luz da Silva

Rosivaldo do Socorro Lopes Ferreira, Itálica dos Santos Silva, Angélico Coutinho da Silva, Manoel Luz da Silva Coutinho, Tomásia Oliveira dos Santos, Lucélia Alves

Taperinha

“Meu nome é Domingos Gomes dos Santos, sou nascido e criado aqui na Taperinha, agora de muda o nome que diz assim: Sauá-Mirim e Taperinha, mas o nome velho naquela época que eu me entendi era Taperinha. O nome velho dali chamava de “Ponta”, era o nome velho que o pessoal reconhecia, e depois que foi mudado o nome. Tem uns que diz Taperinha e tem uns que diz Sauá-Mirim, às vezes o outro não entende. Sauá-Mirim e a Taperinha é a mesma coisa.”

“Taperinha foi apresentado em dois croquis. O segundo croqui da Taperinha apresenta o território a partir do rio Capim e mostra o povoado e o limite no sentido da margem do rio Capim/interior. Mostra os rios Naxi, Buiucu e a Serra Velha, que é um braço do Buiucu.”

“Aqui eu tenho quase uma tarefa de açaizal, eu retirei da várzea do Buiucu, ali o açai é da natureza, ninguém plantou. Aqui é o campo de futebol, as casas, aqui o ramal segue da Taperinha, aqui eu tenho uma casa, um retiro, dois fornos de farinha na minha propriedade. Aqui tem o sítio do meu compadre que vai de um pico no outro. O limite do lado de cima e o limite do lado de baixo. A senhora viu tudinho, onde eu moro, o que eu planto como eu vivo, aqui eu tô protegendo o meio dessa área. Fiz a casa no meio da área, o meu compadre nos fundos e o pessoal na beira, por que hoje como tá se você tem área, você tem que fazer uma casa e morar na área pra proteger”. **Senhor Domingos Gomes dos Santos**, Taperinha

“Bem pessoal, aqui é o nosso mapa, não tá concluído faltou algum ponto e não deu pra concluir, mas dá pra ter uma idéia mais ou menos do que nós estamos falando. Essa área que está aqui é o arraial da Taperinha onde tem 17 casas, agora tem um campo de futebol, tem algumas roças, e tem essa área verde aqui que são as matas ao redor das casas, com plantio de açai e aqui no meio também nós temos algumas árvores e aqui é uma estrada que corta o arraial da comunidade. Vocês podem ver também que existem algumas casas que estão mais a frente, que fazem parte da comunidade. Então são mais 8 casas que fazem parte desse grupo, e dentre essas 8 casas nós temos vários igarapés. Como o igarapé do Buiucu, que todos conhecem, que é muito importante na área de pesca, onde vocês estão vendo um pequeno peixinho aqui. E onde várias pessoas colhem seus alimentos dessa área, pescam, tem caças que as pessoas tam-



*Luciano dos Santos,
Maria das Graças
da Luz Ferreira, Ocir
Moreira dos Santos,
Domingos Moreira
dos Santos, Manoel
Clauderi Coutinho da
Luz, Maria de Fátima
Queiroz Coutinho,
Henrique dos Santos,
América Maria dos
Santos e Tomásia
Oliveira dos Santos*

bém caçam dentro dessa área, você ta vendo aqui uma paca, um veado. Temos as áreas de roças, onde as pessoas fazem as suas roças aqui na Taperinha. Então toda essa área aqui tem sua área própria para roça. E também tem a área de mata virgem, essas áreas que ainda não foram mexidas. Tem essas áreas que não foram ainda desmatadas. Nós temos outros igarapés que são muito importantes, como o igarapé do Naxi, que é um braço do igarapé principal que é o Pirajauara. Tem várias casas de farinha.” **Senhor Manoel Clauderi Coutinho da Luz**, Sauá-Mirim

“Temos que cavar poço, a água do rio hoje não é apropriada para o consumo, por que a Vale, o projeto Caulim poluiu o rio com produtos químicos, desse tempo pra cá que a Companhia Vale do Rio Doce entrou não é mais aconselhável nenhum cidadão tomar água do rio. A água que chega das cabeceiras já chega de péssima qualidade, por que os fazendeiros desmatam a cabeceira do rio, por isso não é mais aconselhável tomar água do rio que antigamente eram volumosos de água. Hoje se você for ao igarapé Ipixuna ele ta seco, a água ta com mau cheiro, então não é apropriado e a maioria dos igarapés é a mesma coisa. Aqui nessa região (o Sr. Cléo aponta no croqui um local fora do território da comunidade, o território ao qual se refere pertence ao seu tio, o Estandilau) há uma área de conflito, um fazendeiro chamado Emanuel (prefeito de Bujarú) ele desmatou a mata ciliar desse rio, o Pirajauara, então corre sério risco pra comunidade. Nós não temos força de lutar contra o fazendeiro, ainda estamos nos organizando pra reconquistar nossa área e nossos jovens ter onde trabalhar e uma vida mais digna.” **Senhor Manoel Clauderi Coutinho da Luz**, Sauá-Mirim

Conflitos na terra próxima de Taperinha

“Nós queremos o nosso direito, que nossas áreas sejam legalizadas, seja uma área respeitada, que todo mundo que more fora dessa área quilombola respeite as nossas áreas. Nós queremos uma estrada limpa, nós queremos ônibus escolar pra carregar aluno que nós precisamos e não tem. Nossas crianças vêm de longe pra estudar, com muita dificuldade pra poder chegar, paga barco do rio pra baixo, quando chega em casa é de noite e isso é uma coisa que nós queremos, que nós precisamos do Governo, que dê essa força e ajude nós, beneficiar a nossa área.” **Senhor Domingos Gomes dos Santos**, Taperinha

“Por que a gente precisa ter pela comunidade uma coisa pra nós, um posto médico, uma escola de qualidade, né? É uma das coisas que a gente precisa aqui. Eu fui nascido e criado aqui, é muito difícil a gente ver invadindo as terras dos outros, tomando, e fica difícil pra gente tá aqui. Então, precisa de uma ajuda de vocês. Nós temos uma fé religiosa na Nossa Senhora da Conceição, tem uma igreja aí e precisa de uma ajuda, dos governos né?” **Senhor João da Conceição da Silva Santos**, Ipixuna



Etielle dos Santos da Conceição



Manoel Clauderi Coutinho da Luz e Luciano dos Santos



Domingos Gomes dos Santos



Ana Cristina Ferreira da Silva e Domingos Gomes dos Santos

Reivindicações

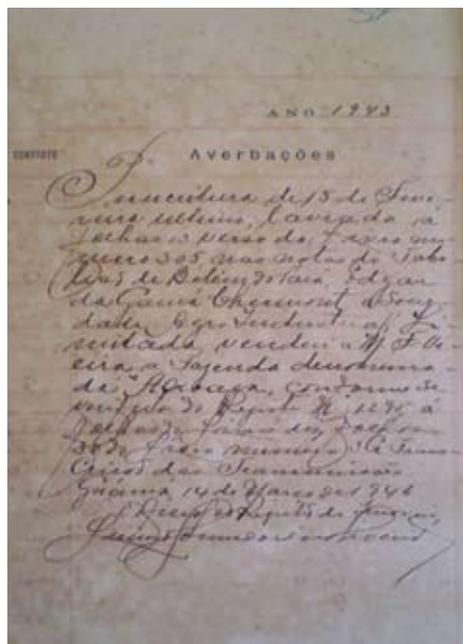
“Nós queremos a nossa área, pra trabalharmos nos nossos roçados. A gente acha mais importante pra nós. Por que o roçado não é suficiente³.” **Senhora Verônica dos Santos Oliveira**, Ipixuna

“Primeiro nós queremos reivindicar nossos direitos como cidadãos, que nós não estamos sendo respeitados e com isso ter o nosso reconhecimento da área que nós estamos morando e que moramos há muitos séculos e que hoje queremos retomar essa terra como se fosse propriedade nossa.” **Senhor Manoel Claudiery Coutinho da Luz**, Sauá-Mirim

“Nós queremos o nosso direito, que nossas áreas sejam legalizadas, seja uma área respeitada, que todo mundo que more fora dessa área quilombola respeite as nossas áreas. Nós queremos uma estrada limpa, nós queremos ônibus escolar pra carregar aluno que nós precisamos e não tem. Nossas crianças vêm de longe pra estudar, com muita dificuldade pra poder chegar, paga barco do rio pra baixo, quando chega em casa é de noite e isso é uma coisa que nós queremos, que nós precisamos do Governo, que dê essa força e ajude nós, beneficiar a nossa área”. **Senhor Domingo Gomes dos Santos**, Taperinha

“Tá faltando uma escola, um bom posto de saúde. Nós estamos aqui hoje é pra reivindicar os nossos direitos, pra que um dia tenhamos um posto de saúde e demonstrar a nossa precisão. Então é aqui que nós estamos.”

“Uma estrada boa, a energia que a gente precisa. Uma educação melhor pros nossos filhos. Tem filho aqui que sai da sua casa e pega um caminho e pega um barco e quem tem filho maior trabalha. Então nós queremos uma escola bem “afeiçoada”, queremos um posto de saúde, nossa energia. Então é uma coisa que venha trazer benefício pra cada um de nós, pra vivermos como cidadãos.” **Senhor Antonio da Silva Coutinho**, Sauá-Mirim



Nº DE VOTEM	DATA	DENOMINAÇÃO	DENOMINAÇÃO DE N.º DE VOTEM	CARACTERÍSTICA
99/	1792	São João do Rio Preto		Terras Com...
100/		São João do Rio Preto		...
101/		São João do Rio Preto		...
102/		São João do Rio Preto		...
103/		São João do Rio Preto		...
104/		São João do Rio Preto		...
105/		São João do Rio Preto		...
106/		São João do Rio Preto		...
107/		São João do Rio Preto		...
108/		São João do Rio Preto		...
109/		São João do Rio Preto		...
110/		São João do Rio Preto		...

³ A falta de terras para cultivar os obriga a “abrir roças” na área do Senhor Estandilau Lobo da Luz que possui documento relativo a “partilha” representando 1007hectares,

CONTATO

Associação Quilombolas Unidos do Rio Capim-AQURC
São Domingos do Capim
telefone: 91. 9115-2391

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e Agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos Ribeirinhos e Indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité - Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta
- 26 Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco – Realidades e Desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, Maranhão

REALIZAÇÃO

Associação Quilombolas Unidos do Rio Capim – AQURC

APOIO



FORD FOUNDATION

